



**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E PREVALÊNCIA DO USO DE PSICOFÁRMACOS EM
UMA UNIDADE REFERÊNCIA PARA SAÚDE MENTAL**
**EPIDEMIOLOGIC PROFILE AND PREVALENCE OF PSYCHOTROPIC USE IN ONE REFERENCE
UNIT FOR MENTAL HEALTH**
**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO Y LA PREVALENCIA DE USO DE PSICOTRÓPICOS EN UNA UNIDAD DE
REFERENCIA PARA LA SALUD MENTAL**

Camilla de Sana Guerra¹, Maria do Monte Herculano², Maria de Oliveira Ferreira Filha³, Maria Djair Dias⁴,
Renata Cavalcanti Cordeiro⁵, Verbena Santos Araújo⁶

RESUMO

Objetivos: descrever o perfil epidemiológico dos usuários de psicofármacos e identificar a prevalência do tipo de psicofármacos utilizado e o seu tempo de uso. **Método:** estudo epidemiológico, de coorte transversal, realizado no município de Timbaúba/PE/Brasil, em julho de 2010, abrangendo a população de 280 usuários e a amostra por 100. A análise dos dados foi realizada pelos software SPSS 8.0 for Windows e programa Openepi. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo nº 359/10. **Resultados:** os maiores consumidores de psicotrópicos foram mulheres, prevalecendo os ansiolíticos, acima dos 50 anos de idade, com ensino fundamental incompleto, casadas, com ocupação do lar, católicas e com renda mensal de um salário mínimo. **Conclusão:** devido ao uso elevado de psicotrópicos, faz-se necessária a implementação de políticas de saúde mental para a redução do consumo. **Descritores:** Saúde Mental; Psicofármacos; Atenção Básica.

ABSTRACT

Objectives: to describe the epidemiological profile of users of psychotropic drugs and the prevalence of the type of psychotropic drugs used and their usage time. **Method:** epidemiological, cross-sectional study, conducted in the municipality of Timbaúba/PE/Brazil, in July 2010, covering the population of 280 users and the sample by 100. The data analysis was performed by software SPSS 8.0 for Windows and program Open Epi. The research project was approved by the Research Ethics Committee under protocol nº 359/10. **Results:** the major consumers of psychotropics were women, prevailing anxiolytics, above 50 years old, with elementary school, married, with housewives, Catholic and monthly income of a minimum wage. **Conclusion:** due to the high use of psychotropic drugs, it is necessary to implement mental health policies to reduce consumption. **Descriptors:** Mental Health; Psychiatric Drugs; Health Care.

RESUMEN

Objetivos: describir el perfil epidemiológico de los usuarios de drogas psicotrópicas y la prevalencia del tipo de psicofármacos utilizados y su tiempo de uso. **Método:** estudio epidemiológico de cohortes transversal, realizado en el municipio de Timbaúba/PE/Brasil, en julio de 2010, que abarca una población de 280 usuarios y la muestra de 100. El análisis de datos se realizó mediante el software SPSS 8.0 para Windows y el programa Open Epi. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética de Investigación, bajo el protocolo n ° 359/10. **Resultados:** los mayores consumidores de psicotrópicos eran mujeres, prevaleciendo los ansiolíticos, de más de 50 años de edad, en la escuela primaria, casadas, amas de casa, católicas y con mensuales de un salario mínimo. **Conclusión:** debido al alto uso de drogas psicotrópicas es necesario implementar políticas de salud mental para reducir el consumo. **Descriptores:** Salud Mental; Drogas Psiquiátricas; Cuidado de la Salud.

¹Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: camilla_sena@hotmail.com; ²Enfermeira, Professora Mestre, Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa, (PB), Brasil. E-mail: mariamonteh@yahoo.com.br; ³Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: marfilha@yahoo.com; ⁴Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: mariadjair@yahoo.com.br; ⁵Enfermeira, Mestranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa/PB/Brasil. E-mail: renata_cc@hotmail.com; ⁶Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal da Paraíba/PPGENF/UFPB. João Pessoa (PB), Brasil. E-mail: verbena.bio.enf@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica no Brasil tem sua origem nos anos de 1980, época marcada pela grande manifestação de movimentos sociais, devido ao fim da ditadura militar e início da democracia, sendo por isso caracterizada como um processo de cunho político, econômico e social. Sua principal relevância está na crítica à institucionalização, e no emergir da idéia de humanização em relação à saúde mental, enfatizando o direito ao exercício da cidadania e reinserção psicossocial do portador de transtorno mental.¹⁻²

Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, a crítica ao modelo de tratamento psíquico institucional fortaleceu-se, principalmente por suas características de isolamento social, submissão, maus tratos grosseiros, péssimas condições físicas, cuidados técnicos escassos e automatizados, e de discriminação desses indivíduos.³

A assistência a pessoas com transtornos mentais era caracterizada por internações prolongadas em manicômios. A partir do movimento da reforma psiquiátrica, um novo modelo assistencial vem se consolidando, de forma a assegurar o respeito à cidadania dessas pessoas e a humanização da atenção à saúde mental. Os portadores de transtornos mentais são estimulados a conquistar sua autonomia e seu desenvolvimento social.²

Nesta perspectiva de tratamento é que surgem os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em todo país, os quais tem como foco de trabalho estabelecido pelo Ministério da Saúde, a articulação da rede de atenção em saúde mental, com o intuito de prestar cuidado aos portadores de transtornos mentais e sua família em um dado território, vislumbrando a substituição dos hospitais psiquiátricos.⁴

Estes dispositivos de saúde contam com o auxílio de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar capacitada, a qual atua oferecendo estratégias de cuidado diversas e baseadas na humanização, tais como oficinas terapêuticas, visitas domiciliares e o atendimento de pessoas em situação de rua, litando, assim, a reabilitação psicossocial e a reinserção dos usuários na comunidade.⁴

Com a globalização, o processo de desenvolvimento da sociedade moderna tem acarretado transformações no cotidiano das pessoas, a exemplo do desemprego, violência, excesso de competitividade, desigualdades sociais, entre outros. Tais transformações provocam nas pessoas um aumento de

ansiedade e a consequente necessidade de alívio. Muitas vezes o alívio é buscado nos medicamentos, caracterizando uma tendência à medicalização das demandas subjetivas.

Dessa forma, é importante que os profissionais de saúde considerem intervenções do tipo escuta qualificada, diálogos, encontros mais frequentes, menos superficiais e com abordagem holística, dar atenção como parte das tecnologias possíveis de manejo. Assim, as ações terapêuticas às demandas de saúde mental não ficariam restritas aos procedimentos médicos, destacando-se o uso de psicofármacos.⁵

Entende-se por psicofármacos, medicamentos que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC) produzindo alterações de comportamento, percepções, pensamento e emoções, podendo levar à dependência em alguns casos.⁶ Estes são prescritos para pessoas que sofrem com transtornos emocionais e psíquicos, ou com outros tipos de problemas que afetam o funcionamento da mente. O aumento das prescrições e o possível abuso destes fármacos em indicações duvidosas e durante períodos que se podem prolongar indefinidamente e suas repercussões com os gastos farmacêuticos, são problemas relevantes na saúde mental devido ao risco que esses fármacos acarretam a curto e longo prazo.⁷

A utilização desses medicamentos tem crescido nas últimas décadas em vários países ocidentais e, até mesmo, em alguns países orientais, causando impacto na sociedade, com significativa relevância sociológica, econômica e sanitária, tendo se tornado uma importante questão de saúde pública. Esse crescimento tem sido atribuído ao aumento da frequência de diagnósticos de transtornos psiquiátricos na população, à introdução de novos psicofármacos no mercado farmacêutico e às novas indicações terapêuticas de psicofármacos já existentes.⁸⁻⁹

Diante do exposto, torna-se bastante relevante estudar a temática proposta, pois é importante, do ponto de vista epidemiológico, conhecer a problemática do consumo de psicofármacos pelos usuários do SUS, visto que os resultados obtidos poderão ser utilizados no planejamento de ações de controle do uso abusivo desses medicamentos. Sendo assim, emergiram as seguintes questões norteadoras << Qual o perfil sócio econômico dos usuários de psicofármacos dessa unidade de referência em saúde mental? >> << Quais os tipos de psicofármacos mais utilizados pelos usuários dessa unidade de referência em saúde mental? >> Para respondê-las, mediante a importância

da temática proposta para estudo e o entendimento da importância da mesma para o reestabelecimento da saúde mental dos portadores de transtorno e usuários de psicofármacos, traçou-se os seguintes objetivos:

- Descrever o perfil epidemiológico dos usuários de psicofármacos.
- Identificar a prevalência do tipo de psicofármacos utilizado e o seu tempo de uso.

METODOLOGIA

Estudo com abordagem quantitativa, de coorte transversal, que tem como base teórica a epidemiologia descritiva, cujo objetivo é descrever a ocorrência de um fenômeno na população. Essa descrição tem como características importantes, o tempo, o lugar e as pessoas. É importante, do ponto de vista epidemiológico, conhecer a problemática do consumo de psicofármacos pelos usuários do SUS, visto que os resultados obtidos poderão ser utilizados no planejamento de ações de controle do uso abusivo desses medicamentos.

A pesquisa foi realizada no município de Timbaúba/PE/Brasil, que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, possui uma população de 53.225 habitantes. A população do estudo foi constituída pelos 280 usuários que buscaram atendimento na Unidade de referência em saúde mental, durante a coleta dos dados. A amostra foi constituída por cem sujeitos escolhidos aleatoriamente entre os usuários, e que aceitaram participar do estudo. Para o cálculo da amostra foi utilizado o programa Openepi segundo o qual, considerando-se a população, os resultados do estudo apresentam uma margem de erro de 8%.

O instrumento utilizado para obter as informações do estudo foi um formulário composto de duas partes: a primeira constituída de dados de identificação e sócio demográficos e a segunda composta de perguntas referentes ao consumo de psicofármacos. As informações obtidas foram armazenadas em um banco de dados, utilizando-se o software SPSS 15.0 for Windows e, em seguida, analisados estatisticamente, através de cálculos percentuais simples. Os resultados estão apresentados em forma de gráficos e tabelas de frequências absolutas e percentuais, sendo discutidos com fundamento na literatura pertinente.

O estudo atendeu aos requisitos propostos pela Resolução 196/96, que dispõe sobre as normas e diretrizes regulamentadoras da pesquisa envolvendo os seres humanos. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba que emitiu parecer favorável em 29 de junho de 2010, sob o protocolo de número 359/10.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa, apresentados na forma de quadro e gráfico, e discutidos com base na literatura pertinente ao tema abordado, permitem uma visualização da realidade do uso de psicofármacos por usuários do SUS residentes no município de Timbaúba/PE/Brasil. Os dados a seguir, estão esboçados nas formas de tabelas e/ou gráficos e traçam um panorama situacional real dos usuários de psicofármacos, no referido município.

Tabela 1. Caracterização dos sujeitos do estudo segundo sexo, faixa etária, estado civil, escolaridade, ocupação e renda familiar. João Pessoa, 2010.

Variáveis		n	%
Sexo	Masculino	32	32
	Feminino	68	68
Faixa Etária	18-25 anos	11	11
	26-40 anos	28	28
	41-50 anos	23	23
	Acima de 50 anos	38	38
Situação Conjugal	Solteiro	41	41
	Casado	47	47
	Viúvo	9	9
	Divorciado	3	3
Escolaridade	Analfabeto	35	35
	Ensino fundamental incompleto	41	41
	Ensino fundamental completo	10	10
	Ensino médio incompleto	4	4
	Ensino médio completo	10	10
Profissão	Do lar	53	53
	Estudante	2	2
	Aposentado	14	14
	Sem profissão	19	19
	Outras	12	12
Religião	Católica	64	64
	Evangélica	17	17
	Outras	4	4
	Sem religião	13	13
Renda Familiar	Menos de 1 salário mínimo	23	23
	1 salário mínimo	68	68
	Acima de 2 salários mínimo	7	7
	Sem renda	2	2

A Tabela 1 mostra as características sociodemográficas dos usuários de psicofármacos do SUS, no município de Timbaúba/PE/Brasil. Entre os participantes, houve uma predominância do sexo feminino com 68% e, apenas, 32% do sexo masculino. A faixa etária prevalente foi de usuários acima de 50 anos com 38% e pessoas casadas com 47%; quanto ao grau de escolaridade, os com ensino fundamental incompleto constituíram um percentual de 41%; a ocupação “do lar” apresentou o maior percentual, ou seja, 53%; a religião predominante informada pelos participantes foi a católica com 64%; a renda mensal de mais da metade dos participantes, 68%, corresponde a um salário mínimo.

Estudos têm constatado maior prevalência do uso contínuo e eventual de psicofármacos no sexo feminino, apontando 38,88% de uso deste tipo de medicamento neste grupo em contrapartida a 19,2% na população do sexo masculino.^{9,11,12,13} Esses achados corroboram com outros estudos⁷, os quais identificaram que 86% do sexo feminino, fazem uso de psicofármacos, relataram que essa diferença está relacionada com as questões fisiológicas e patológicas entre mulheres e homens, não esquecendo que culturalmente, as diferenças de sexo apontam diferentes experiências de vida e apresentarem, possivelmente, respostas diferentes à situações estressantes.

Os dados relativos à faixa etária revelam a predominância de usuários acima de 50 anos, corroborando com a pesquisa de Kantorski¹¹, que evidenciou em seu estudo que a maior parte dos usuários que utilizavam

antidepressivos era do sexo feminino (79%) na faixa etária de mais de 45 anos em 41%, de 15 a 25 anos em 6%, de 25 a 35 anos em 24% e de 35 a 45 anos em 30%.

A partir dos dados obtidos nos estudo, infere-se que há uma estreita relação entre o que foi revelado e a realidade do município, na qual muitas pessoas na faixa etária acima dos cinquenta anos, em razão da situação socioeconômica e levando em consideração, o contexto em que o indivíduo está inserido, sua qualidade de vida e às pressões do cotidiano, que têm contribuído consideravelmente para o aumenta os níveis de ansiedade, levando a busca de medicamentos que possam causar algum alívio.

Quanto à situação conjugal, a maior prevalência foi de casados com 47%, em seguida foram os solteiros 41%, viúvos 9% e divorciados 3%. A existência de uma associação entre o uso de benzodiazepínicos (ansiolíticos) e a situação conjugal viúvo e divorciado, provavelmente ocasionada pelo estresse pós-traumático decorrente da perda do companheiro, o que pode desencadear sintomas sugestivos de ansiedade e perda da qualidade do sono.¹⁴

A pesquisa realizada no município de Presidente Juscelino/MG/Brasil¹⁵, corrobora com o estudo em questão, ao apontar que em relação ao estado civil, a maioria dos pesquisados é casado, apresentando um percentual de 52,6%. Quanto ao nível de escolaridade, os dados evidenciam que a maior parte dos entrevistados cursaram ensino fundamental incompleto 41%, o que mostra

uma tendência linear altamente significativa do consumo de psicofármacos, apontando que quanto menor a escolaridade maior a prevalência do uso desses medicamentos.¹⁶

Esses valores vão de encontro a outras pesquisas^{14,15}, as quais apontaram a prevalência do uso de psicofármacos em idosos e com ensino fundamental incompleto com 78,8% e 40% respectivamente, seguido pelo grupo com ensino fundamental completo ou ensino médio incompleto com 7,9% e 30%.

Em relação à ocupação, 53% dos usuários referiram a “do lar”. Compreende-se que a ocupação “do lar” não é uma atividade remunerada, sendo traduzida pelo trabalho doméstico que requer esforço físico diário, é repetitivo e geralmente não é reconhecido pela família, nem pela sociedade como uma ocupação laboral. Outro estudo mostrou resultado semelhante, onde foi evidenciado maior prevalência do uso de benzodiazepínico entre pacientes que se autodeclararam não inseridos no mercado de trabalho.¹⁷

Na cultura que vivemos, a mulher é dotada de inúmeros papéis, é a responsável pelo cuidar da casa, do marido e dos filhos, levando-as a sobrecarga dessas tarefas cotidianas e o esforço repetitivo, o que pode gerar um estado de tensão. Portanto, a sobrecarga dessas tarefas cotidianas e o esforço repetitivo, geralmente, levam as pessoas a um estado de tensão, angústia e consequentemente alterações no humor.¹⁸

Nesse íterim, percebe-se que a busca da religião em usuários de psicofármacos é elevada, devido ao fato de 64% dos usuários ter afirmado ser católicos, 17% evangélicos, 4% proferir outra religião e apenas 13% não ter religião. Estudos apontam que cerca de 33,33% dos católicos e dos evangélicos já fizeram uso de psicofármacos na vida e nenhum dos cinco que se dizem “sem religião” relatou o uso de psicofármacos, portanto tais dados não permitem inferir relação entre o uso de psicofármacos e religiões professadas pelos usuários.⁹

Outro fator que predispõe o aumento do uso de psicofármacos é a renda mensal familiar, pois o estudo apontou que a maioria dos participantes recebe apenas um salário mínimo (68%). Esses dados vão ao encontro a outro estudo¹⁵, onde quanto à renda familiar, a maior parte dos pesquisados 65 (68,4%) tem renda de 1 a 3 salários mínimos. Tais resultados estão em conformidade com outros estudos, os quais apontam, a pobreza, o desemprego, a falta de perspectiva no sentido de melhorar economicamente, em geral, trazem sentimentos de angústia, revolta, preocupações e desânimo, trazendo agravos à saúde mental das pessoas que, muitas vezes, fazem uso de psicofármacos numa tentativa de aliviar seus problemas e sofrimentos.⁹

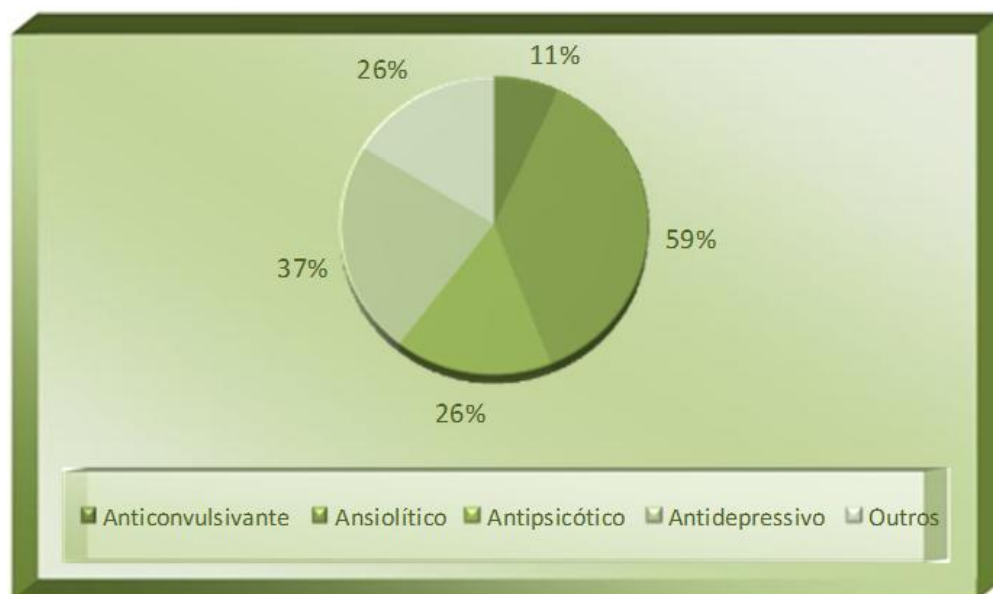


Figura 1. Distribuição dos psicofármacos usados pelos sujeitos do estudo. João Pessoa, 2010.

Percebe-se que os psicofármacos mais consumidos são os ansiolíticos com 59%, seguido pelo consumo de antidepressivos com 37%, os anticonvulsivantes com 11%, os antipsicóticos com 26%. A categoria “Outros”, com 26%, refere-se aos medicamentos anticolinérgicos e antiparkinsonianos que são usados na clínica psiquiátrica para combater os efeitos colaterais extrapiramidais dos antipsicóticos. Esses dados vão de encontro a

outros estudos^{8,15}, onde a maior parte dos entrevistados faz uso de benzodiazepínicos: 43 (45,2%), seguidos por antidepressivos com 27 (28%).

Evidencia-se, portanto, uma tendência para o aumento do consumo dos antidepressivos, observada também em outros estudos, que estaria ocorrendo graças ao crescimento do diagnóstico das doenças depressivas, ao surgimento de novos medicamentos e a

ampliação das indicações terapêuticas desses medicamentos.⁸ Os ansiolíticos são as drogas mais prescritas no mundo inteiro e vem sendo usados no tratamento da ansiedade e dos transtornos do sono. Sua popularidade está relacionada à sua efetividade e à ampla margem de segurança, sendo as principais drogas usadas no tratamento da ansiedade e da insônia.⁶

Verifica-se pelos resultados dos estudos acima que os psicofármacos têm se transformado em um refúgio para os conflitos emocionais, de modo que os usuários não conseguem identificar e escolher outras estratégias de enfrentamento frente às suas necessidades sejam elas de origem familiar, financeira, social, cultural e entre outras.

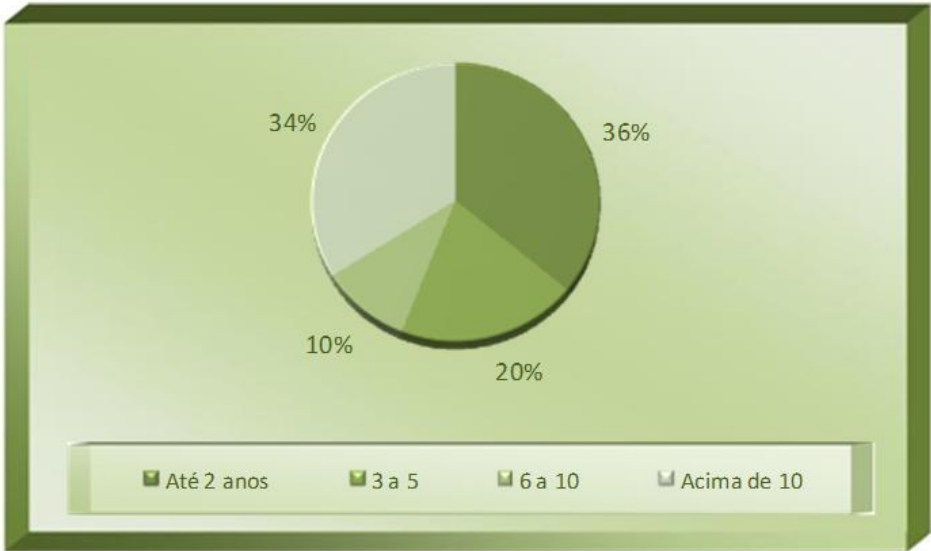


Figura 2. Distribuição dos sujeitos do estudo segundo o tempo de uso dos psicofármacos.

O percentual de distribuição dos usuários segundo o tempo de uso dos psicofármacos revela que 36% dos usuários fazem uso dessas drogas num período de até 2 anos, seguido por 34% dos usuários que fazem uso há mais de dez anos, 20% entre 3 e 5 anos e por último 10% entre 6 e 10 anos de uso. No estudo realizado no município de Presidente Juscelino/MG/Brasil¹⁵, dos 95 usuários que fizeram parte da amostra, 29 deles iniciou o uso de psicofármacos há mais de um ano, totalizando um percentual de 30.52%.

A prática abusiva de prescrição médica, muitas vezes subestima a capacidade do indivíduo em lidar com situações de adversidade comuns do dia a dia. O autor constatou que 46.8% dos entrevistados vêm usando o diazepam durante um período de 5 a 10 anos.¹⁸ Ainda corroborando com os dados encontrados em outro estudo¹⁹, das 20 pessoas entrevistadas apenas uma fez uso de psicotrópico há menos de três meses; as demais são usuárias há mais de um ano e a maioria faz uso do medicamento diariamente, variando de uma a duas vezes por dia, não existindo previsão médica para terminar o tratamento. Os entrevistados relataram que necessitam da medicação para viver e para resolver os seus problemas, sejam de ordem pessoal, econômica ou de saúde. Isso revela o quanto é alto o grau de dependência desses usuários.

Portanto, existem importantes efeitos colaterais proporcionados por psicotrópicos

relacionados a alterações de humor, de peso, do sistema urinário e neurológicas, os quais necessitam de estratégias que favoreçam a diminuição do uso desta medicação.²⁰ Observa-se, então, que os dados encontrados na pesquisa coincidem com aqueles referidos nas pesquisas mencionadas, indicando que o uso prolongado de psicofármacos pode levar a dependência e que esta, por sua vez, pode levar a outras complicações de base patológica e/ou psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da fragilidade do modelo biomédico e da busca incessante por cuidados, a cada dia aumenta o número de pessoas em busca de medicamentos que possam oferecer o alívio desses sofrimentos. Não é apenas a falência do modelo biomédico que contribui para o aumento da medicalização. A população sofre por falta de escuta, de acolhimento, de carinho, de apoio, de amor. O cuidado holístico é uma das formas de aliviar o sofrimento, favorecer a construção de vínculos sociais na busca por melhores condições de vida.

A realização desse estudo destacou a importância do conhecimento epidemiológico como uma ferramenta indispensável para a organização dos serviços de saúde, pois eles são fontes relevantes de conhecimento gradual da realidade com a qual trabalhamos, funcionando também como uma avaliação da nossa prática. Em suma o presente estudo

mostrou o panorama atual do consumo de psicofármacos por uma parcela da população no município de Timbaúba/PE/Brasil, evidenciando que as mulheres são as que mais consomem e que a faixa etária predominante é acima dos cinquenta anos, sendo os ansiolíticos os psicofármacos mais consumidos.

O estudo também identificou que a maioria dos usuários faz uso dos medicamentos psicoterápicos durante períodos de tempo prolongados, o que pode gerar problemas adversos, pois a utilização de psicofármacos possibilita o alívio dos sintomas, porém o seu consumo por tempo prolongado pode contribuir para o desenvolvimento da farmacodependência e não garante a resolução dos conflitos emocionais e sociais enfrentados pelas pessoas.

Pretende-se que essa análise contribua para a qualificação das políticas de atenção à saúde mental, incluindo esforços relacionados à oferta de serviços, educação permanente dos profissionais de saúde e educação em saúde de usuários e da população em geral.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira A, Alessi N. Cidadania: instrumento do processo de trabalho na reforma psiquiátrica. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2005 Jan/Mar [cited 2013 Feb 20];10(1):191-203. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a20v10n1.pdf>
2. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
3. Campos R. Clínica: a palavra negada - sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental. *Saúde debate* [Internet]. 2001 [cited 2013 Feb 20]; 25(58):98-111. Available from: http://www.cebes.org.br/media/File/publicacoes/Rev%20Saude%20Debate/Saude%20em%20Debate_n58.pdf
4. Camatta MW, Nasi C, Adamoli NA, Kantorski LP, Schneider JF. Avaliação de um centro de atenção psicossocial: o olhar da família. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2011 Nov [cited 2013 Feb 20]; 16(11): 4405-4414. Available from: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v16n11/a13v16n11.pdf>
5. Ayres JRCM. Organização das ações de atenção à saúde: modelos e práticas. *Saúde Soc* [Internet]. 2010 [cited 2012 Aug 10];18(suppl 2):11-23. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s2/03.pdf>
6. Videbeck SL. *Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiatria*. 5th ed. Porto Alegre: Artmed; 2012.
7. Nascimento AAAS, Guarido CF. Perfil farmacoterapêutico de pacientes atendidos na Clínica de Psicologia da Unimar no ano de 2005. *Rev ciênc farm básica apl* [Internet]. 2008 [cited 2012 Aug 10];29(3):291-6. Available from: http://serv-bib.fcfa.unesp.br/seer/index.php/Cien_Farm/article/viewFile/597/520
8. Rodrigues MAP, Facchini La, Lima MS. Modificações nos padrões de consumo de psicofármacos em localidade do Sul do Brasil. *Rev saúde pública* [Internet]. 2006 [cited 2012 Aug 10];40(1):107-14. Available from: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v40n1/27123.pdf>
9. Goulart R. Estudo do uso de psicofármacos na comunidade de Santo Antônio de Lisboa [Monografia]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.
10. Brasil. Ministério do Planejamento. Contagem Populacional. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. 2010 [cited 2012 Aug 10]. Available from: http://www.ibge.gov.br/censo2010/dados_di_vulgados/index.php?uf=26
11. Kantorski LP, JardimVMR, Porto AR, Schek G, Cortes JM, Oliveira MM. Descrição de oferta e consumo dos psicofármacos em Centros de Atenção Psicossocial na Região Sul brasileira. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011 [cited 2012 Aug 10];45(6):1481-7. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n6/v45n6a29.pdf>
12. Lima MCP, Menezes PR, Carandina L, Cesar CLG, Barros MBA, Goldbaum M. Transtornos mentais comuns e uso de psicofármacos: impacto das condições socioeconômicas. *Rev saúde pública* [Internet]. 2008 [cited 2012 Aug 10];42(4):717-23. Available from: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v42n4/6830.pdf>
13. Araújo MAM; Silveira LC. A Saúde Mental No Município De Maranguape: Aspectos Epidemiológicos Da População Atendida No PSF. *Rev RENE* [Internet]. 2006 Sept/Dec [cited 2012 Aug 10];7(3):26-34. Available from: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/746>
14. Barbosa EAJ. Prevalência do uso de benzodiazepínicos nos idosos residentes na comunidade do Pântano do Sul, em Florianópolis, Santa Catarina [Monografia]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2007.

15. Santos RC. Perfil dos usuários de psicofármacos atendidos pela estratégia saúde da família da zona urbana do município de Presidente Juscelino [Monografia]. Minas Gerais (MG): Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família, Universidade Federal de Minas Gerais; 2009.
16. Garcias CMM, Pinheiro RT, Garcias GL, Horta BL, Brum CB. Prevalência e fatores associados ao uso de antidepressivos em adultos de área urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, em 2006. Cad saúde pública [Internet]. 2008 July [cited 2012 Aug 11];24(7):1565-71. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n7/11.pdf>
17. Firmino KF, Abreu MHNG, Perini E, Magalhães SMS. Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. Cad saúde pública [Internet]. 2011 June [cited 2012 Aug 11];27(6):1223-32. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n6/19.pdf>
18. Andrade RLMV. Dependência de benzodiazepínicos na unidade de saúde da família Concórdia, Pedras de Fogo/Paraíba [Monografia]. João Pessoa (PB): Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva, Especialização em Saúde da Família, Universidade Federal da Paraíba; 2004.
19. Nunes KW. O uso de psicofármacos na atenção básica: um estudo sobre os motivos e as estratégias de enfrentamento dos usuários [Monografia]. João Pessoa (PB): Universidade Federal da Paraíba; 2005.
20. Filho PCPT, Domingues TE, Pinheiro MLP, Wichr P. Side effects caused by the use of psychotropic drugs in patients with psychological distress. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2011 May [cited 2013 Feb 21];5(3):652-57. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage/index.php/revista/article/view/1430/pdf_476

Submissão: 20/08/2012

Aceito: 19/04/2013

Publicado: 01/06/2013

Correspondência

Renata Cavalcanti Cordeiro
Rua Newton Estilac Leal, 986
Bairro Alto Branco
CEP: 58401-750 – Campina Grande (PB), Brasil